

Dificuldades na amamentação de recém-nascidos: Análise quanto à via de parto

Kamilla de Sousa¹; Ana Paula Assunção Moreira²; Amanda Santos Fernandes Coelho Batista²

1-Enfermeira, Residente em Enfermagem Obstétrica pela Secretaria de Saúde do Estado de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil. E-mail: kamilla_desousa@hotmail.com

2-Enfermeira, Mestre, Coordenadora do Programa de Residência em Enfermagem Obstétrica pela Secretaria de Saúde do Estado de Goiás, Goiânia, Brasil.

INTRODUÇÃO

O aleitamento materno (AM) é reconhecido como uma estratégia natural, completa, segura e econômica, que compreende não somente nutrição, como também proteção e vínculo. Seus benefícios na saúde física e psíquica são reconhecidos em todo o mundo, abrangendo diferentes aspectos, tanto para a mãe quanto para o recém-nascido (RN) (SILVA et al, 2020). No entanto, a prevalência do AM encontra-se abaixo do recomendado pela Organização Mundial da Saúde (UNICEF, 2018).

Objetivando identificar fatores desfavoráveis no início da amamentação de forma facilitada, o Fundo de Emergência Internacional das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) criou um protocolo de avaliação e observação da mamada, que permite avaliação de cinco aspectos: postura corporal da mãe e do bebê, respostas do bebê, vínculo entre eles, anatomia das mamas e sucção (WHO, 2004).

Carvalhoes e Correa (2003), utilizando-se deste instrumento realizaram um estudo pioneiro quanto à avaliação e observação da mamada identificando a má posição corporal da mãe/RN e a inadequação da interação mãe/RN como comportamentos indicativos de dificuldades durante a amamentação, sendo estes mais desfavoráveis quando os partos eram cirúrgicos.

No tocante a isso, Gasparin (2020) também citou a relação da amamentação com o tipo de parto, apontando que mulheres que tiveram parto vaginal apresentaram chances maiores de manutenção do AM ao final de 30 dias de pós-parto em comparação às puérperas que foram submetidas à cesárea.

Diante desses achados e da importância da observação e avaliação da mamada, realizou-se este estudo de forma a oferecer uma importante contribuição para a comunidade científica,

visto que, as baixas taxas de AM configuram-se como problema de saúde pública e um tema de importância mundial. Além disso, conhecer as principais dificuldades durante a amamentação pode auxiliar profissionais de saúde incentivando e promovendo a manutenção do AM.

OBJETIVOS

Identificar comportamentos indicativos de dificuldades maternas e neonatais relacionadas à amamentação, considerando a via de parto. Sendo também realizada uma caracterização dos binômios, mediante análise de variáveis sociodemográficas, clínico-obstétricas e clínico-neonatais.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de abordagem quantitativa, do tipo observacional, analítico, transversal, realizado em uma maternidade de baixo risco interligada à Secretaria de Estado da Saúde de Goiás. Os participantes foram 240 binômios presentes no alojamento conjunto no período de dezembro de 2021 a junho de 2022, sendo elegidos dois grupos por conveniência (parto normal e cesárea) e os participantes de cada grupo selecionados de forma aleatória.

Como critérios de inclusão foram considerados: todas as mulheres que tiveram parto vaginal ou cesárea e RNs com mais de uma hora de vida que já haviam sido amamentados ao menos uma vez anteriormente; nascidos com 37 semanas ou mais; com peso igual ou maior que 2.500 Kg e Apgar igual ou acima de 7/7. Como critérios de exclusão foram considerados mulheres que conviviam com HIV ou HTLV e RNs em jejum.

A coleta se deu após aplicados os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido e Termos de Assentimento Livre e Esclarecido; sendo realizada observação direta do fenômeno de interesse, a mamada, guiada pelo instrumento de avaliação e observação da mamada proposto pela UNICEF e entrevista através de formulário semiestruturado, abrangendo informações sociodemográficas, clínico-obstétricas e clínico-neonatais, complementadas posteriormente por análise documental concretizada em prontuários da dupla.

Os dados coletados foram registrados no software Microsoft Office Excel 2019®, para análise estatística e posteriormente analisados pelo programa SPSS versão 3.5. Foram organizados em tabelas, analisados de forma descritiva, sendo apresentados por distribuição de frequências absolutas e relativas, sendo também realizados testes de significância adequados ao tamanho da amostra (Qui-quadrado de Pearson e Exato de Fisher), sendo consideradas estatisticamente significantes as diferenças em que p foi menor que 5% ($p < 0,05$).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra foi composta predominantemente por mulheres adultas (84,6%), com faixa etária variando de 14 a 43 anos. A maioria residia na capital (55%); se declarou parda (72,5%); cursou até o ensino médio (66,3%); não realizava atividade remunerada (67,5%); apresentava renda familiar entre 1 a 3 salários mínimos (82,5%) e vivia com companheiro (82%).

Dentre os binômios avaliados, 152 apresentaram ao menos um (01) comportamento indicativo de dificuldade durante a amamentação, o correspondente a 62,5% dos binômios de via vaginal e 64,2% de via cesárea. Aprofundando que, a cada dupla participante foi aplicado o Instrumento de Observação e Avaliação da Mamada com 24 itens, conclui-se que no total 5.760 comportamentos foram avaliados durante a pesquisa. Destes, 4.836 foram considerados favoráveis à amamentação (84%) e 924 considerados indicativos de dificuldades (16%). Detecta-se portanto uma taxa de 15,8% de comportamentos indicativos de dificuldades em binômios de via vaginal e de 16,3% em binômios de via cesárea.

Os resultados obtidos na pesquisa evidenciam que apesar da predominância de comportamentos favoráveis, houve um elevado percentual de binômios com ao menos um comportamento indicativo de dificuldade.

Nesse sentido, considerando essas dificuldades, no estudo pioneiro de Carvalhaes e Correa (2003), no qual também foi aplicado o protocolo do UNICEF a 50 binômios de uma maternidade de Botucatu (SP), foi observado que 18 a 34% das duplas apresentaram alguma dificuldade no início da amamentação em pelo menos uma das áreas analisadas, sendo as relacionadas à posição e ao vínculo as mais frequentes, sendo ainda maiores nos casos de cesárea e quando eram ofertados suplementos aos RNs.

Já no estudo de Mosele et al. (2014), utilizando-se também o protocolo de avaliação do UNICEF a 152 binômios internados em alojamento conjunto, foi identificado que 55% das duplas apresentaram pelo menos uma dificuldade na amamentação.

Sendo assim, observa-se que o percentual de dificuldades em ao menos um item no presente trabalho, foi maior do que no estudo de Carvalhaes e Correa e Mosele et al., sendo evidenciado maiores taxas de comportamentos de dificuldades em casos de cesáreas em todas as áreas, exceto em posição e vínculo.

Mosele et al. (2014), também expuseram o vínculo entre mãe e filho como o aspecto com menos comportamentos indicativos de dificuldade assim como nesta pesquisa, um fator considerado importante para a manutenção do AM. E a sucção como o comportamento de maior

dificuldade em sua pesquisa, diferentemente de Carvalhaes e Correa, porém se aproximando dos resultados deste trabalho.

Um dado alarmante de Mosele et al. (2014), foi a alta prevalência de fissuras mamilares, que os mesmos relacionaram tanto com a má pega da aréola pelo RN, como também com a posição da criança que apresenta “pescoço torcido”, ‘queixo distante da mama” e “lábio voltado para dentro”. Apesar deste trabalho não se verificar um grande número de alterações mamilares, tais dificuldades de “posição” também foram encontradas, apresentando-se portanto como um alerta quanto à possibilidade de surgimento de fissuras posteriormente, caso não haja intervenção adequada.

Tal possibilidade se explica pelo fato da posição inadequada impedir a preensão apropriada intervindo na sucção e conseqüentemente na extração do leite materno. Tais fatos podem acarretar trauma mamilar, dor ao amamentar, além de atrapalhar o completo esvaziamento da mama ocasionando redução da produção láctea ou mesmo acúmulo de leite, suscitando uma mastite e um possível desmame precoce (CARREIRO et al., 2018; MOSELE et al., 2014).

Segundo Jung, Rodrigues e Herber (2020), a cesárea é encarada muitas vezes como uma barreira para o início da amamentação precoce devido ao uso de medicamentos e anestésicos que podem atrapalhar a interação mãe-bebê, ou por vezes, potencializar um posicionamento inadequado da criança ao peito. No entanto, curiosamente nesta pesquisa, observa-se uma associação significativa entre via cesárea e o aspecto “posição”. Já Carvalhaes e Correa (2003), traz que o uso de anestésicos e a dor referente à cirurgia cesariana afetam a interação mãe/RN. Tal dado é corroborado visto que foi encontrada uma associação significativa entre a via de parto normal e o aspecto “resposta”.

Sendo assim, o surpreendente resultado desta pesquisa contribui para uma ampla discussão sobre os aspectos que envolvem a amamentação de forma a se focar não somente nas implicações da via de parto mas também nos aspectos sociodemográficos, clínico-obstétricos e clínico-neonatas envolvidos.

CONCLUSÃO

Este estudo portanto atendeu ao objetivo proposto, sendo identificado os comportamentos indicativos de dificuldades de maior prevalência conforme a via de parto. Além disso, possibilitou a análise de diversas variáveis, oportunizando reflexões e um aprofundamento de aspectos relacionados à gestação, parto e puerpério. Promoveu o aprimoramento de técnicas de amamentação possivelmente interferindo na duração do AM,

como também beneficiou a comunidade científica fornecendo subsídios quanto ao manejo da alimentação em seio materno.

Quanto ao mais, torna-se cabível e sugerível o uso de instrumentos avaliativos como este proposto pelo UNICEF, como forma de aprimorar ações e resultados, sendo também necessária a capacitação dos profissionais de saúde para atuarem auxiliando e promovendo a amamentação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARREIRO, J. A et al. Dificuldades relacionadas ao aleitamento materno: análise de um serviço especializado em amamentação. **Acta Paul Enferm.**, v. 31, n4, p.430-438, 2018. (<https://www.scielo.br/j/ape/a/VpgWqMNCRRFF5vLVJvFfPSXz/?format=pdf&lang=pt>)

CARVALHAES, M. A. B. L; CORREA, C. R. H. Identificação de dificuldades no início do aleitamento materno mediante aplicação de protocolo. **Jornal de Pediatria**. v.79, n. 1, 2003. (<https://www.scielo.br/j/jped/a/4NTDVQbBM7Q5pkdNJycGrrC/?format=pdf&lang=pt>)

GASPARIN, V. A et al. Fatores associados à manutenção do aleitamento materno exclusivo no pós-parto tardio. **Rev Gaúcha Enferm.**, v.41, 2020. (<https://www.scielo.br/j/rgenf/a/Z4jLRVzrpv3D7h9CkTmR6dF/?lang=pt&format=pdf>)

JUNG, S. M; RODRIGUES, F. A; HERBER, S. Contato pele a pele e aleitamento materno: Experiências de puérperas. **Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro.**, v. 10, 2020. (<http://seer.ufsj.edu.br/index.php/recom/article/view/3657/2457>)

MOSELE, P. G et al. Instrumento de Avaliação da Sucção do Recém-Nascido com vistas a alimentação ao seio materno. **Rev. CEFAC**, v. 16, n. 5, p.1548-1557, set/out, 2014. (<https://www.scielo.br/j/rcefac/a/cNtfhV4gc597LRyhsBrQQfK/?format=pdf&lang=pt>)

SILVA, D. I. S et al. A importância do aleitamento materno na imunidade do recém-nascido. **Research, Society and Development**, v. 9, n.7, 2020. (<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/4629/4059>)

UNICEF- FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA INFÂNCIA. Breastfeeding: another's gift, for every child. New York: UNICEF; 2018. (<https://data.unicef.org/resources/breastfeeding-a-mothers-gift-for-every-child/>)

WHO- WORLD HEALTH ORGANIZATION. Positioning a baby at the breast. In: Integrated Infant Feeding Counselling: a trade course. Geneva, 2004.